

OS GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA: A REPORTAGEM

Andrezza Santos Dos Santos¹

RESUMO Com a preocupação das dificuldades de produção e interpretação textual dos alunos de Ensino Fundamental, o presente trabalho visa ressaltar a importância do ensino de Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais. O ensino de Língua Portuguesa tem como objetivo ampliar as possibilidades do uso da linguagem, por este motivo, se faz necessário o trabalho com textos que fazem parte do cotidiano dos alunos. O trabalho com os gêneros textuais deve propiciar aos alunos a participação na construção de sentido do texto efetivando, desta maneira, a aquisição da aprendizagem. Ao organizar o ensino de Língua Portuguesa o professor deve preocupar-se em ensinar os alunos a dominar um gênero textual de forma gradual e para se trabalhar o gênero escolhido são utilizadas as Sequências Didáticas. O gênero escolhido para desenvolver uma proposta de ensino é o gênero reportagem. A reportagem é um gênero pertencente ao domínio do discurso jornalístico, ela possibilita maior liberdade de produção textual, o que torna o trabalho em sala de aula desse gênero ainda mais estimulante para os alunos. Este trabalho fundamenta-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais e em autores como Marcuschi, Bagno, Bakthin, entre outros. Espera-se que esse trabalho possa contribuir para a melhoria do ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, gêneros textuais, a reportagem, sequências didáticas.

ABSTRACT: Concerned with the difficulties of production and textual interpretation of the students in elementary school, this paper aims to emphasize the importance of teaching the Portuguese language by means of the genre. Teaching Portuguese Language aims to expand the possibilities of language use, for this reason, it is necessary to work with texts that are part of the daily life of students. Working with the genre should provide students a sense of participation in the construction of effecting text, thus the acquisition of knowledge. By organizing the teaching of Portuguese language teachers should worry about teaching students to master a genre gradually and to work with the chosen genre teaching sequences are used. The genre chosen to develop a proposal for education is the gender story. The report is a genus belonging to the realm of journalistic discourse, it allows greater freedom of writing, which makes working in the classroom this genre even more exciting for students. This work is based on the National Curriculum and authors as Marcuschi, Bagno, Bakthins, among others. It is hoped that this work can contribute to improving the teaching of Portuguese.

¹ Graduada em Pedagogia pela FALS – Faculdade do Litoral Sul Paulista.

Keywords: Portuguese Language, genre, the story, didactic sequences.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa esclarecer e ressaltar a importância do ensino de Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais na sala de aula.

A preocupação em classificar textos começou na Grécia Antiga com Aristóteles. Porém, somente no século XX, os gêneros textuais ganham importância nos estudos lingüísticos de Bakhtin.

Os gêneros textuais são meios utilizados para a efetivação da comunicação verbal e seu trabalho deve propiciar a participação do indivíduo na construção de sentido do texto.

O ensino de Língua Portuguesa tem como objetivo ampliar as possibilidades do uso da linguagem e é por isso que as escolas devem trabalhar com textos que fazem parte da realidade do cotidiano dos educandos. É de suma importância a escola trabalhar com estratégias de produção de gêneros que circulem na comunidade discursiva, preparando assim o aluno para atuar efetivamente na realidade em que vive.

A base para este estudo está nos PCNs de Língua Portuguesa, e nos escritos de autores como Bakhtin, Marcuschi, Bronckart, Bagno, Dolz e Schneuwly.

Com a preocupação com as dificuldades de interpretação e de produção textual enfrentadas por alunos do ensino fundamental, a finalidade deste trabalho é contribuir para a melhoria do ensino de Língua Portuguesa.

No primeiro momento é possível observar a importância entre os gêneros do discurso e o texto escrito seguindo as idéias de autores como BAKHTIN, BRONCKART, MARCUSCHI e também os PCN's. Refletiremos sobre alguns aspectos tais como: a diferença entre ensinar por meio de frases ou palavras soltas e isoladas e, trabalhar com textos que fazem parte do cotidiano dos alunos dando sentido a essa forma de aprendizagem; o papel da escola frente a essa nova situação didática onde o educando poderá utilizar a linguagem oral e escrita nas diferentes situações comunicativas; o que os PCN's dizem sobre os gêneros e as estratégias didáticas para trabalhar os gêneros textuais em sala de aula.

Este primeiro capítulo aborda ainda as Sequências Didáticas (SD) que são uma forma de ajudar o professor a organizar o trabalho com o gênero desejado, como um guia, possibilitando intervenções sociais, onde o professor pode explorar diversos exemplares do

gênero escolhido, estudar suas características próprias e levar os alunos a praticar diferentes escritas.

Sequencialmente no segundo capítulo, pontuaremos as diferenças entre o ensino tradicional e o ensino dos gêneros textuais. O preconceito existente no ensino da gramática tradicional e os benefícios que o trabalho com os gêneros podem trazer.

Seguindo essa linha, no terceiro e último capítulo trataremos do gênero Reportagem: o que o caracteriza e como ele deve ser utilizado no processo de ensino e aprendizagem, contendo ainda uma proposta de aplicação desse gênero no ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental.

1.0 GÊNEROS DO DISCURSO E O TEXTO ESCRITO.

Este texto tem como base um dos aspectos sobre o ensino de Língua Portuguesa, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), *os gêneros textuais como objeto de ensino*. Segundo os PCN's, os gêneros textuais são objetos de ensino e o texto é apenas uma unidade.

Para BAKTHIN, nas situações lingüísticas o falante/ouvinte comunica-se de acordo com a forma padrão de seu contexto social e histórico.

Segundo BAKTHIN, os gêneros textuais podem ser divididos em dois grupos: gêneros primários – são textos da linguagem cotidiana que, numa situação discursiva podem ser controlados diretamente – e os gêneros secundários – trata-se geralmente de textos escritos que exige uma linguagem mais oficializada, padrão.

(...) Não é absurdo dizer que os gêneros primários são instrumentos de criação dos gêneros secundários. Daí, podem-se apontar as características dos gêneros textuais: são formas-padrão de um enunciado que possuem conteúdo, uma estruturação específica e mutável a partir das relações estabelecidas entre os interlocutores; do mesmo modo, um estilo ou certa configuração de unidades lingüísticas. (CARVALHO,p.2)

Pode-se dizer que os gêneros primários são criações dos gêneros secundários. Os gêneros textuais é um enunciado com formas-padrão, tem conteúdo e possui uma estrutura, mudando de acordo com as relações estabelecidas entre os interlocutores.

Segundo BRONCKART (1994), os gêneros textuais constituem ações de linguagem que exigem do interlocutor, competência para escolher dentre os diversos gêneros o mais adequado ao contexto e sua intenção comunicativa, além da aplicação e decisão que acrescentará algo a forma destacada recriando-a.

No processo de ensino-aprendizagem, não basta disponibilizar aos alunos modelos de textos, é necessário refletir sobre as formas de utilização de cada um considerando seu contexto de uso e de seus interlocutores. É preciso trabalhar a língua como uma unidade de ensino e os gêneros como objeto deste.

Para mudar os mecanismos de ensino é necessário investir na formação docente, assegurando-lhes condições que possibilitem atualizações frequentes e acesso as informações.

1.1 OS GÊNEROS E OS PCN'S

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), o importante é saber utilizar a fala adequadamente nas diversas situações de comunicação. A questão não é corrigir a forma que se fala, mas adequar à linguagem tornando-a eficaz.

A escola deve propor situações didáticas onde o aluno possa utilizar a linguagem oral nas diferentes situações comunicativas principalmente nas mais formais.

“A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.” (PCN, 1997, p.26)

É importante que crianças, ainda que não saibam ler, escutem histórias ou notícias de jornal, pois assim aprendem de que maneira estes textos são organizados na escrita.

As palavras e frases podem ter um enfoque nas situações didáticas específicas necessárias, porém o texto é a unidade básica de ensino.

O trabalho de reflexão e análise da língua tem como objetivo principal maior qualidade do uso da linguagem. Nos primeiros ciclos, é necessário que as situações didáticas estejam centradas na atividade epilingüística, na reflexão por meio de produção e interpretação de textos e, gradativamente, na análise metalingüística, utilizando-se textos reais.

[...] Quando se afirma, portanto, que a finalidade do ensino de Língua Portuguesa é a expansão das possibilidades do uso da linguagem, assume-se que as capacidades a serem desenvolvidas estão relacionadas às quatro habilidades lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. (PCN, 1997, p.35).

Se a finalidade do ensino de Língua Portuguesa é maiores possibilidades do uso da linguagem, então as capacidades que devem ser desenvolvidas são: ler, escrever, falar e escutar.

No processo de ensino a linguagem tem um papel importante, não basta deixar as crianças falarem, mas propiciar situações de reflexão sobre a língua oral de maneira contextualizada, não somente na área de Língua Portuguesa, mas também nas demais áreas do conhecimento.

Ler não é somente decodificar os códigos convertendo letras em sons, mas também compreender o que se está tentando ler, atribuindo significado. Nas práticas de leitura, os objetivos devem ser diversificados exigindo, desta maneira, textos diversificados e uma modalidade de leitura.

“Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento. É, ainda, um leitor competente, capaz de recorrer, com sucesso, a outros textos quando precisa utilizar fontes escritas para a sua própria produção.” (PCN, 1997, p.48)

Um escritor competente é aquele que sabe selecionar um gênero apropriado aos seus objetivos para realizar um discurso. Ele também é capaz de analisar seu próprio texto para as devidas verificações revisando-o. Um escritor competente também recorre a outros textos, utilizando-os como fonte para sua própria produção.

A escrita na escola deve aproximar o aluno ao mundo da escrita principalmente na fase da alfabetização.

Um dos principais recursos que a escola deve disponibilizar são os textos autênticos para viabilizar a proposta didática da área. Pois a utilização destes textos exige cuidado com a manutenção de suas características gráficas (fotografias, ilustrações...)

A biblioteca escolar e a de classe devem disponibilizar aos alunos textos dos mais variados gêneros, além de materiais impressos que podem ser adquiridos em mercados ou materiais produzidos pelos alunos.

1.2 ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA TRABALHAR TIPOS/GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA.

Muitos estudantes possuem dificuldades para escrever um texto, porém expressar-se oralmente é algo que acontece de forma natural. Em sala de aula, a linguagem deve ser trabalhada de forma a conhecer seus significados culturais e sociais, dando sentido e não apenas ensinar palavras. Muitos professores não trabalham o texto dentro de uma concepção sócio-interacionista de linguagem centrada na interlocução.

Quando se entende que a principal função do texto é a interlocução, a abordagem textual deve reconhecer as diversidades existentes em tipos de textos, as características que os formam e o contexto em que eles são usados [...] (CALDAS, p.2)

Entendendo-se que o texto tem como função principal a interlocução, é necessária uma abordagem textual que reconheça as diversidades existentes em tipos de textos, suas características e em que contexto eles são utilizados.

Os gêneros textuais ganharam maior atenção quando os PCNs de Língua Portuguesa ressaltaram sua importância.

É papel do professor deve apresentar e trabalhar com os alunos os tipos e os gêneros textuais que fazem parte do cotidiano. É fundamental que os estudantes compreendam que texto não são somente aquelas composições escritas tradicionais com a qual se trabalha na escola – descrição, narração e dissertação – mas sim que o texto é produzido diariamente em todos os momentos em que nos comunicamos, tanto na forma escrita como na oral. (CALDAS, p.3)

É de suma importância o professor trabalhar os diversos tipos e gêneros que fazem parte do cotidiano, para que os alunos possam compreender que o texto é construído diariamente nos momentos de comunicação tanto escrito quanto oralmente, e não apenas as formas com a qual a escola vem trabalhando – descrição, narração e dissertação.

Para MARCUSCHI (2002:25), um gênero pode possuir dois ou mais tipos textuais.

Trabalhar a diversidade de textos aproxima o aluno aos textos ligados ao cotidiano, proporcionando condições para que ele compreenda a função dos gêneros textuais, facilitando o domínio sobre eles contribuindo para a prática de leitura e produção textual.

Os gêneros textuais são divididos em cinco grupos: Narrar, Expor, Argumentar, Instruir e Relatar.

Os textos pertencentes a um mesmo gênero possuem muitas coisas em comum, entretanto nem todos são um exemplar prototípicos desse determinado gênero.

BAKHTIN (2003) defende a idéia de que a fala ocorre apenas por meio de determinados gêneros do discurso.

É necessário que conheçamos e nos familiarizemos com os diferentes gêneros textuais pertencentes ao nosso contexto social, porém não precisamos saber produzir todos os gêneros textuais.

Antigamente, o ensino de Língua Portuguesa era centrado no ensino da gramática tradicional. Posteriormente percebeu-se que isso não garantia que o estudante tornar-se-ia bom escritor ou um bom leitor.

Os gêneros textuais não devem ser trabalhados isoladamente como uma matéria ou conteúdo a ser ensinado. Os alunos não precisam classificar os textos ou memorizar todos os gêneros textuais, pois não seriam capazes.

No tocante a ação pedagógica, disponibilizarem-se aos alunos modelos de textos não é o bastante, é preciso encaminhar uma reflexão maior sobre o uso de cada um deles, do mesmo modo, considerar o contexto de uso e os seus interlocutores [...] (CARVALHO, p.2)

É preciso dar sentido ao ensino dos gêneros na escola e compreender em que situação ele será lido e em que contexto foi escrito. A função de um gênero textual determina que elementos serão utilizados para compor o texto, com a finalidade de atingir certo público, provocando as reações desejadas.

Não precisamos conhecer todos os gêneros textuais. Há gêneros para ler e gêneros para escrever, para ouvir, para falar. A maioria das pessoas não precisa saber escrever bula de remédio, mas a maioria delas precisa saber ler bulas. Precisamos saber onde encontrar as informações de que precisamos [...] (COSCARELLI, p.83)

Não há a necessidade de saber ler e escrever todos os gêneros textuais, porém é preciso saber encontrar as informações quando necessárias.

Os alunos precisam perceber a finalidade do texto, seus recursos lingüísticos e o sentido desejado. É necessário, algumas vezes, que eles possam identificar, quem e para quem o texto está referindo-se, qual a situação e qual seu objetivo, percebendo a ironia ou seu humor.

É necessário que o aluno aprenda a construir seus próprios textos com o intuito de provocar no interlocutor as reações desejadas por ele (autor), tendo em mente seu público-alvo e seus objetivos. O professor precisa atuar como mediador, ajudando o aluno a perceber o propósito do texto, desvendando as escolhas do autor, efetivando dessa maneira uma situação em que a comunicação acontece realmente.

Os professores e os materiais didáticos possuem dificuldades para trabalhar a lingüística de forma verdadeiramente reflexiva. As atividades e exercícios tratam questões gramaticais tais como: regência, concordância, entre outras.

No processo ensino-aprendizagem, é importante que o aluno escreva para diferentes leitores que não seja somente o professor, tornando o ensino mais eficaz.

Reduzir o trabalho com textos às características dos gêneros textuais limita a produção. Por isso é de extrema importância que os alunos conheçam e saibam reconhecer as estruturas prototípicas dos gêneros textuais e tenham consciência de suas flexibilidades. O ensino é mais produtivo quando os alunos exploram o trabalho lingüístico utilizado no texto, as escolhas, seus efeitos de sentido, sua intenção e as possibilidades e conseqüências dos sentidos que permitem que o leitor construa.

1.3 AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Para escolher um gênero, é preciso determinar a sua esfera social, a necessidade temática, o conjunto de participantes e a vontade enunciativa ou a intenção do locutor. A escolha é decorrente de uma situação definida por alguns elementos, tais como: sua finalidade, seus destinatários e conteúdo: o que se quer dizer, a quem, como e onde se dizer.

A escola é tomada como autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção/recepção de textos. Os alunos encontram-se, assim, em múltiplas situações em que a escrita se torna possível, em que ela é mesmo

necessária. Mais ainda: o funcionamento da escola pode ser transformado de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam: na classe, entre alunos; entre classes de uma mesma escola; entre escolas. Isto produz, forçosamente, *gêneros novos*, uma forma toda nova de comunicação que produz as formas lingüísticas que a possibilitam. Freinet é, sem dúvida, quem foi mais longe nesta via que encara com seriedade a escola como autêntico lugar de produção e utilização de textos. (Schneuwly e Dolz, 1997)

Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz desenvolvem a ideia de gênero utilizado como meio de articulação entre práticas sociais e objetos escolares para o domínio da produção de textos. As práticas sociais são o lugar de manifestação individual e social da linguagem.

Ao organizar o ensino de Língua Portuguesa o professor deve preocupar-se em ensinar os alunos a dominar um gênero textual de forma gradual e para se trabalhar o gênero escolhido são utilizadas as Sequências Didáticas.

As Sequências Didáticas (SD) são um conjunto de atividades ordenadas, articuladas e estruturadas, ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo etapa por etapa. As SD são organizadas de acordo com os objetivos que o professor deseja alcançar no processo de ensino-aprendizagem que auxiliam o professor a organizar seu trabalho em sala de aula.

Segundo Schneuwly e Dolz (2004), as SD são instrumentos que podem guiar o professor, propiciando intervenções sociais, ações recíprocas dos membros dos grupos e intervenções formalizadas nas escolas que são necessárias para a organização da aprendizagem em geral e para o progresso da apropriação de gêneros em particular. Para eles, ao criar uma Sequência Didática é necessário que as atividades permitam a transformação gradual das capacidades iniciais dos alunos para que possam dominar um gênero e deve considerar questões como a complexidade das tarefas em função dos elementos que excedem essas capacidades iniciais.

É por meio das SD que o professor pode explorar diversos exemplares do gênero escolhido, estudar suas características próprias e levar os alunos a praticar diferentes escritas antes de propor uma produção final. Elas garantem uma progressão que respeita o objetivo a ser alcançado.

Sugestão de esquema de SD:

- Apresentar proposta;
- Avaliar o conhecimento prévio dos alunos;
- Apresentar o gênero escolhido por meio de exemplares;

- Utilizar estratégias de leitura;
- Propor uma escrita inicial de texto para avaliar que aspectos precisam ser mais bem trabalhados;
- Ampliar o repertório disponibilizando mais materiais;
- Organizar e sistematizar o conhecimento sobre o gênero escolhido, estudando seus elementos, situação de produção e forma de circulação desse gênero (exemplo: jornal, livro...);
- Elaborar escrita individual;
- Fazer revisão e reescrita da produção individual.

2.0 ENSINO TRADICIONAL X ENSINO DOS GÊNEROS

[...] A gramática tradicional era o foco do ensino de Português. Depois de muitos anos de estudos e de pesquisas, verificou-se que ter o ensino da nomenclatura tradicional como prioridade não ajudava o estudante a se tornar um bom leitor e um bom escritor [...] (COSCARELLI, p.81).

O ensino de Língua Portuguesa antigamente era centrado no ensino tradicional de textos que não tinham vínculo, na maioria das vezes, com a realidade dos alunos. O ensino era fragmentado, tratava-se apenas de estudar sua estrutura. Tinha como objetivo o estudo da gramática. A regra era falar o idioma memorizando suas definições.

O trabalho com textos em sala de aula ganhou uma enfoque especial no momento em que os PCNs de Língua Portuguesa evidenciaram a sua importância. Concomitantemente com a proposta de leitura e produção de textos, surge a necessidade de se trabalhar os gêneros discursivos e textuais. (CALDAS, p.3)

Percebeu-se então, na última década, que somente o estudo da gramática não era suficiente para garantir os chamados “comportamentos leitores e escritores” dos estudantes. E cabe ao professor estimular seus alunos e possibilitar a prática desses comportamentos em sala de aula, utilizando textos de gêneros diferenciados.

Um dos sérios problemas do ensino da gramática tradicional e, segundo Marcos Bagno, também o mais grave, é que seu foco é extremamente restrito. As definições,

conceitos, os instrumentos de análise é limitado ao estudo da frase onde o ponto final utilizado na frase escrita, é o ponto final de análise gramatical.

A gramática tradicional não explica todos os fenômenos lingüísticos, porque ela se apega somente à escrita e despreza a fala.

É preciso compreender que a língua não se manifesta em frases isoladas e descontextualizadas e, muito menos, em palavras soltas.

A linguagem, seja ela falada ou escrita, é um texto. É do texto que se deve partir para qualquer estudo da linguagem.

Os estudos gramaticais tradicionais, entretanto, não consideram isso, analisando somente a frase, a oração, ou no máximo, o período composto por mais de uma oração. Desta maneira, tudo o que há de interessante, fascinante e verdadeiramente importante para a aquisição da linguagem humana é perdido, fica oculto.

Bagno ressalta outro detalhe importante da Gramática Tradicional, é que sua exclusiva preocupação é com a língua escrita e, considera somente a língua dos grandes autores, dos “clássicos”, desprezando o mundo da língua falada.

Todo e qualquer ser humano (desde que não seja mudo, obviamente) fala mais do que escreve, pois falar é imprescindível e natural. Escrever também é muito importante, porém é algo que depende de estudo prolongado e treinamento constante.

A gramática tradicional também se constituiu baseada em preconceitos sociais que revelam o tipo de sociedade em que ela surgiu. Ela é produto intelectual de uma sociedade aristocrática, machista, escravagista, hierarquizada, e adotou como modelo de “língua exemplar” o uso característico de um grupo de falantes: De sexo masculino, livres (não-escravos), Membros da elite cultural (letrados), cidadãos (eleitores e elegíveis), membros da aristocracia política, detentores da riqueza econômica. Na formulação da gramática tradicional perceberam-se as duas grandes características das línguas humanas: a variação (no espaço) e a mudança (no tempo). Entretanto essa percepção foi negativa.

Os primeiros gramáticos, concluíram que a língua falada era caótica, sem regras, ilógica e, somente a língua escrita literária merecia ser então estudada, servindo de base para o modelo de “bom uso” do idioma. Essa segregação rígida entre a fala e a escrita vem sendo combatida desde o início da era moderna, aproximadamente nos últimos cem anos. Porém, ainda hoje, numa sociedade como a brasileira do século XXI há muito disso, pois a separação entre a fala e a escrita permanece na mentalidade da grande maioria das pessoas.

Na gramática tradicional, todo e qualquer uso da linguagem que não seja o modelo idealizado de linguagem literária consagrada é visto como erro.

A gramática não deve ser utilizada como mera repetição da doutrina tradicional, anacrônica e encharcada de preconceitos sociais, entendida como “decoreba” de nomenclatura, sem objetivos claros e relevantes, com frases descontextualizadas e até ridículas.

[...] Vejo nos professores e em muitos materiais didáticos, dificuldade em lidar com a reflexão lingüística de forma realmente reflexiva e em função do gênero e da finalidade do texto. Pouca atenção é dada aos propósitos do texto e aos mecanismos lingüísticos que revelam ou marcam esse propósito. Parece que a língua só pode ser trabalhada em exercícios e atividades que vão lidar com questões específicas da gramática como, por exemplo, concordância, regência, conjunção verbal, entre outras [...] (COSCARELLI, p.84)

A gramática precisa ser ensinada sim, mas sem preconceitos do funcionamento da língua, do modo como todo ser humano é capaz de produzir linguagem e interagir socialmente através dela. É necessário que ela seja ensinada por meio de textos falados e escritos, portadores de um discurso.

É muito importante que todo educador conceba a linguagem como um significado amplo e dinâmico que se relaciona plenamente com a participação social. Trabalhar a linguagem em situação de ensino não é ensinar as palavras, mas seus significados culturais e sociais. (CAIDAS,p.2)

É tarefa do professor construir o conhecimento gramatical dos nossos alunos e, fazer com que eles descubram o quanto já sabem da gramática da língua e conscientizá-los da importância dessa gramática para se produzir bons textos falados e escritos coesos, coerentes, criativos, relevantes, entre outros.

Ao explorar a diversidade textual, o professor aproxima o aluno das situações originais de produção dos textos não escolares. Essa aproximação proporciona condições para que o aprendiz compreenda o funcionamento dos gêneros textuais, apropriando-se, a partir disso, de suas peculiaridades, o que facilita o domínio que deverá ter sobre eles. Além disso, o trabalho com gêneros contribui para o aprendizado de prática de leitura, de produção textual e de compreensão. (CALDAS, p.4)

Daí a importância de se trabalhar com gêneros textuais. Textos que fazem parte do cotidiano dos alunos, que são reais e produzem significado, que estimulem a produção e a interpretação, tornando o ensino eficaz.

É papel do professor dever apresentar e trabalhar com os alunos os tipos e os gêneros textuais que fazem parte do cotidiano. É fundamental que os estudantes compreendam que texto não são somente aquelas composições escritas tradicionais com a qual se trabalha na escola – descrição, narração e dissertação – mas sim que o texto é produzido diariamente em todos os momentos em que nos comunicamos, tanto na forma escrita como na oral. (CALDAS,p.3)

3.0 GÊNERO REPORTAGEM

A reportagem é um conteúdo jornalístico escrito e/ou falado, baseado no testemunho direto dos fatos e situações explicadas em palavras. Na reportagem deve-se existir um “quem” e um o “que”.

De acordo com Marcuschi, os domínios discursivos são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam, originando em discursos mais específicos, como o jornalístico. Assim, a reportagem é um gênero pertencente ao domínio do discurso jornalístico informativo.

Como observa Bonini, a classificação dos gêneros jornalísticos ainda é nebulosa e os mecanismos lingüísticos que caracterizam esses gêneros textuais, em termos acadêmicos, são pouco conhecidos, por isso, há dificuldade teórica na definição de cada gênero, sendo feita, na prática, a distinção de um gênero e outro, a partir das comparações com outros gêneros. (LARA, p.15)

Há uma dificuldade na definição teórica de cada gênero jornalístico, principalmente a reportagem, pois existem poucos trabalhos de descrição com abordagens teóricas dos mecanismos lingüísticos que caracterizam esses gêneros textuais.

Beltrão foi o único a sistematizar os gêneros jornalísticos no Brasil. Segundo ele, os gêneros jornalísticos são classificados em três categorias:

Jornalismo informativo

- a) Notícia

- b) Reportagem
- c) História de interesse humano
- d) Informação pela imagem

Jornalismo interpretativo

- e) Reportagem em profundidade

Jornalismo opinativo

- f) Editorial
- g) Artigo
- h) Crônica
- i) Opinião ilustrada
- j) Opinião do leitor

Os critérios utilizados por Beltrão são funcionais, pois os classifica de acordo com a função que exercem junto ao público leitor, ou seja, informar, explicar e orientar. Portanto, para Beltrão a reportagem tem a função de informar ao público assim como a notícia.

Segundo Bahia (1990), a grande notícia é a reportagem. Acrescenta que toda reportagem é notícia, porém o inverso não. Desta forma, para o autor, a notícia não muda de natureza, mas muda de caráter ao evoluir para a categoria de reportagem. Para Bahia, a reportagem é um tipo de notícia com regras próprias e, por isso, adquire um valor especial. Bahia afirma que a reportagem é uma notícia, porém não é qualquer notícia. Para ele, a reportagem deve expor as circunstâncias sem tomar partido. (KINDERMANN, p.38)

Bahia defende a idéia de que a notícia não muda de natureza, porém evolui para a reportagem, sendo assim, a reportagem é um tipo de notícia que agrega um valor especial.

Também Faraco, ao tratar da reportagem, em texto didático, define-a a partir da notícia. Segundo ele, a reportagem é um texto mais extenso, resultante de uma investigação mais detalhada dos fatos, apresentando as informações em maior profundidade. A mesma técnica foi usada por Faria que, ao abordar sobre reportagem, diz que "o que a diferencia da notícia é sua apresentação mais livre e variada (LARA, p.15)

A reportagem é semelhante à notícia, o que as diferenciam é o fato de a reportagem ser mais extensa e variada. Portanto pode-se dizer que muitas das questões abordadas referentes à notícia, como a análise estrutural, podem ser aplicadas também a reportagem.

A reportagem possibilita maior liberdade de produção textual, o que torna o trabalho em sala de aula desse gênero ainda mais estimulante para os alunos.

Para Lage, a distinção entre reportagem e notícia, é que a reportagem trata de um fato novo e a notícia trata de um assunto que pode ou não ser novo, porém há reportagens que abordam questões polêmicas antigas, não partindo de um fato novo.

De acordo com Faria e Zanchetta (2002), a reportagem busca recuperar e aprofundar as informações apresentadas no cotidiano, além de informar pontualmente sobre determinado fato, observando suas raízes e seu desenrolar. Lage diz que a reportagem é um gênero próximo ao artigo de opinião, quando há traços que evidenciam a relevância da autoria do texto, porém é necessário que o autor respeite os fatos, não apresentando uma opinião contrária, pois o papel da avaliação é do leitor.

Com o intuito de diferenciar a reportagem da notícia, Lage busca caracterizar a reportagem, sob vários aspectos: i) de acordo com a linguagem, a reportagem possui estilo menos rígido que a notícia, possibilitando ao repórter o uso da primeira pessoa, bem como fazer, além do levantamento de dados, interpretação dos fatos; ii) sob o ponto de vista da produção, a reportagem leva em consideração a "oportunidade jornalística" (o fato gerador de interesse); iii) a necessidade de pautas que incluam o fato gerador de interesse, a natureza da matéria e o contexto. Para Lage, é o fato gerador que torna a reportagem um gênero independente. (LARA, p.16)

Lage busca ainda caracterizar a reportagem sob vários aspectos como: uma linguagem menos rígida, permitindo que o repórter demonstre com maior clareza a interpretação dos fatos, possibilitando a utilização da primeira pessoa; a reportagem também leva em consideração a "oportunidade jornalística" (fato gerador de interesse); a natureza da matéria e seu contexto.

Compreendendo essas características, a proposta de atividades em sala de aula fica mais fácil. Para produzir uma reportagem é necessária uma pesquisa sobre o tema, um levantamento de dados, entrevistas, oportunizando a prática da oralidade, do discurso direto ou indireto, a observação e a interpretação dos fatos relatados.

3.1 PROPOSTA DE ENSINO COM O GÊNERO REPORTAGEM

Série: 3º ao 5º ano.

Conteúdo: Produção, Interpretação de textos e Gramática.

Estratégia: Reportagem

Objetivos:

- Desenvolver práticas de leitura e escrita;
- Propiciar o contato com textos ligados ao cotidiano dos educandos;
- Identificar os elementos estruturais e literários de uma reportagem;
- Ampliar o vocabulário;
- Assistir vídeos de reportagens para analisar a estrutura do texto;
- Compreender as divergências entre o texto escrito e o texto oral;
- Relacionar teoria e prática;
- Estimular a participação e interação dos alunos;
- Diferenciar notícia e reportagem;
- Apresentar uma reportagem de jornal impresso e de jornal televisivo;
- Aprender conceitos;
- Possibilitar a criatividade e a criticidade;
- Fazer registros;
- Expor os resultados;

Metodologia:

Aula expositiva dialógica.

Recursos Materiais: jornal impresso, reportagem selecionada pelos alunos, caderno, lápis, borracha, aparelho de DVD, DVD com uma reportagem de telejornal.

Sequência Didática:

Primeiro Momento

Conversar com os alunos, informalmente, sobre o que é uma reportagem, para analisar o conhecimento prévio que os alunos possuem. Dividir a classe em grupos de até quatro crianças, distribuir diversos jornais impressos e propor aos grupos de alunos que analisem os conteúdos do mesmo, e escolham uma reportagem, observando alguns aspectos e registrem, individualmente, no caderno como:

- Qual o assunto?
- Sobre o que ou quem estão falando?
- Qual a data do jornal?
- Onde aconteceu o fato?
- Como aconteceu e por quê?
- Para quê?
- De que forma o texto é escrito?
- Para quem (possivelmente) está sendo direcionado o texto?
- O que eles sabem sobre o assunto?
- Quais as palavras encontradas no texto que eles não conheciam?

Mostrar um vídeo em DVD com uma reportagem jornalística televisiva, abordando as mesmas perguntas que foram utilizadas no jornal impresso e questionar os alunos sobre as diferenças encontradas nas duas reportagens: no jornal impresso e no jornal televisivo. Propor aos alunos que façam um registro sobre essas diferenças.

Segundo Momento

Pedir para que os alunos, ainda no mesmo grupo de até quatro crianças, escrevam uma reportagem qualquer sobre o bairro em que moram, em forma de jornal impresso. Expor as reportagens em um painel e/ou cartaz.

Terceiro Momento

Propor aos alunos que apresentem a reportagem, na forma de jornal televisivo, na sala de aula para os demais colegas.

Avaliação:

A avaliação será gradativa, ela se realizará durante todo o desenvolvimento das atividades, pela participação e envolvimento dos alunos.

3.2 COMO TRANSFORMAR TEXTO ORAL EM TEXTO ESCRITO?

Para propor a atividade que se encontra no item anterior é preciso compreender alguns aspectos que diferenciam a língua oral e a língua escrita.

Na linguagem oral existem particularidades próprias que diferem do texto escrito. Isto porque as pessoas não escrevem da mesma forma como falam, portanto ambas possuem modalidades distintas.

A gesticulação, por exemplo, é uma modalidade exclusiva da linguagem oral. Por este motivo, é preciso conhecer e analisar bem essas diferenças para se escrever um bom texto.

A tabela abaixo exemplificará melhor as diferenças encontradas na linguagem oral e no texto escrito.

ORAL	ESCRITA
Interação face a face;	Interação à distância (espaço-temporal)
Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à execução	Planejamento anterior à execução
Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão para operar correções
Sem condições de consulta a outros textos	Livre consulta a outros textos
Ampla possibilidade de reformulação: essa reformulação é marcada, pública, pode ser promovida tanto pelo falante como pelo ouvinte.	A reformulação pode não ser tão marcada, é privada e promovida apenas pelo escritor;
Acesso imediato ao feed-back (retroalimentação, monitoração) do ouvinte.	Sem possibilidade de feed-back imediato;
O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do ouvinte.	O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor.

Essas diferenças, na hora de produzir um texto, irão determinar formulações linguísticas que apresentam aspectos específicos, conforme o tipo de texto produzido:

- **oral**: conversação espontânea, debate, entrevista, conferência, etc.
- **escrito**: carta familiar, editorial, artigo para revista científica, etc.

Podemos dizer, desta forma, que do ponto de vista lingüístico a fala apresenta uma maior liberdade de estruturação sintática, tanto no que se refere ao caráter local (unidade sintática), como global (em nível de inter-relacionamento de tópicos); maior uso de elementos contextualizadores; maior frequência de marcadores conversacionais; maior ocorrência de expressões generalizadoras; entre outros.

Já para se produzir um texto o autor tem a possibilidade de buscar novas fontes, novas bibliografias, reorganizar as idéias, enfim, planejar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É através da experiência, partindo dos conhecimentos prévios que os alunos possuem, que o professor conseguirá levar os alunos a descobrir e compreender o uso da linguagem ampliando assim seu conhecimento.

Como diz nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs), é necessário que os alunos aprendam a ler e escrever na prática, para isso é necessário que essa prática de leitura e escrita seja oferecida nas escolas. O desenvolvimento de estratégias de leitura e escrita deve ser promovida na escola, com o objetivo de construir sentido.

Como vimos no primeiro capítulo, é importante disponibilizar aos alunos os diferentes tipos de texto para estimular a reflexão sobre as formas de utilizar estes textos, objetivando a qualidade do uso da linguagem. Porém, não é necessário que os alunos saibam produzir e classificar todos os gêneros textuais, afinal isso não seria possível, mas é importante saber encontrar informações quando houver necessidade.

A linguagem seja ela oral e/ou escrita deve ser entendida como um processo de atividade social e interativa, e é uma atividade que precisa ser ensinada e aprendida, partindo de estratégias que devem ser explicitadas ao leitor-iniciante (aluno) por um leitor-competente (adulto/professor). Para facilitar o processo de ensino e aprendizagem sugere-se o uso das Sequências Didáticas (SD), que é uma forma de organizar o trabalho com o gênero escolhido.

No segundo capítulo, pode-se analisar as diferenças entre o ensino tradicional e o ensino com gêneros textuais. O ensino tradicional preocupa-se somente com a língua escrita, o ensino da gramática, com a língua padrão, desprezando a linguagem oral. Com os gêneros textuais podemos perceber a preocupação com a linguagem oral, ou seja, a utilização de

textos que fazem parte do cotidiano do aluno, levando-o à reflexão e proporcionando sentido à aprendizagem.

Por fim, o terceiro e último capítulo, enfoca o gênero reportagem, que é um gênero jornalístico que possibilita uma ampla liberdade de produção textual, tornando o trabalho em sala de aula estimulante. Ainda neste capítulo encontramos uma proposta de utilização do gênero reportagem para se trabalhar em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Editora: Parábola, 2008.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. *Os gêneros do discurso e o texto escrito na sala de aula uma contribuição ao ensino*. UERJ, UNICAMP. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/os%20generos.html> > Acesso em 15/03/2010.

CALDAS, Lilian Kelly. *Trabalhando tipos/gêneros textuais em sala de aula: uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética*. IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto. Disponível em: < http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss16_09.pdf > Acesso em 13/03/2010

COSCARELLI, Carla Viana. *Gêneros textuais na escola*. (FALE/UFMG). Disponível em: < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo051.pdf> > Acesso em 15/03/2010.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. - São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Os gêneros escolares. Das práticas de linguagem aos objetivos de ensino*. Disponível em: < http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE11/RBDE11_03_BERNARD_E_JOAQUIM.pdf > Acesso em 22/05/2010.

Diretoria de ensino Região Suzano. *O que são Sequências Didáticas*. Disponível em: < <http://desuzano.edunet.sp.gov.br/oficina/Dicas%20Professor%20L%C3%ADngua%20Portuguesa/Dicas%20Portugues.htm> > Acesso em 22/05/2010

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Gêneros textuais e livro didático: da teoria à prática*. Disponível em: < <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0702/6%20art%204.pdf> > Acesso em 25/05/2010

SILVA, Magna Lúcia. *Gênero textual reportagem: da produção jornalística a experiência escolar*. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_198.pdf > Acesso em 21/08/2010

LARA, Justina de. *Os gêneros jornalísticos com conteúdo informativo (a notícia, a reportagem e a entrevista) nas aulas de língua portuguesa: desvelando a linguagem pretensamente neutra*. Disponível em: <

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/357-4.pdf?PHPSESSID=2009051513132455> > Acesso em 04/09/2010

KINDERMANN, Conceição Aparecida. *A Reportagem Jornalística no Jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero*. - Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/69876_Conceicao.pdf>. Acesso em 08/09/2010.

BOTELHO, José Mario. *A Natureza das Modalidades Oral e Escrita*. – UERJ e FEUDUC. Disponível em:< <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/03.htm> >. Acesso em 13/11/2010.